



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

CAMILA HAMMES MARIAN

Quando nasce uma mãe
Histórias sobre a gravidez na adolescência

RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pela Prof^a. Gislene Silva
no primeiro semestre de 2015
Orientador: Prof. Mauro César Silveira

Florianópolis
Julho de 2015

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2015.1		
ALUNO (A)	Camila Hammes Marian		
TÍTULO	Quando nasce uma mãe – Histórias sobre a gravidez na adolescência		
ORIENTADOR	Mauro César Silveira		
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Web site	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input checked="" type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem() livro de perfil ()	() Florianópolis () Brasil (X) Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Narrativa, reportagem, adolescência, gravidez, família, mulheres.		
RESUMO	<p>A gravidez na adolescência é frequentemente tratada como tabu e problema social a ser combatido. A pauta tem grande presença na mídia, mas, na maioria das vezes, é abordada de forma estereotipada e preconceituosa, ignorando a perspectiva das principais envolvidas: as próprias adolescentes. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma reportagem impressa para revista que discute a influência do contexto socioeconômico e cultural em casos de gravidez na adolescência com base na história de seis jovens de regiões periféricas dos municípios de Florianópolis e São José. Por meio dos relatos das fontes, o tema da maternidade precoce é problematizado e relacionado a questões como violência estrutural e desigualdade de gêneros. Assim, a reportagem busca uma visão humanizada e crítica sobre a gravidez na adolescência.</p>		

Com efeito, repetem à mulher desde a infância que ela é feita para engendrar e cantam-lhe o esplendor da maternidade; os inconvenientes de sua condição — regras, doenças etc. — o tédio das tarefas caseiras, tudo é justificado por esse maravilhoso privilégio de pôr filhos no mundo.

(Simone de Beauvoir - O Segundo Sexo, 1949)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Zeneide, por ser o maior exemplo de mulher que eu poderia ter tido. À minha família, por toda a fé que sempre depositou em mim.

Ao meu companheiro de jornalismo e de vida, Lucas, por estar sempre presente para comemorar as vitórias ou enxugar as lágrimas.

Aos amigos-irmãos que compartilharam comigo esses incríveis cinco anos de graduação, sem vocês não teria sido a mesma coisa.

À Thaine, pelos anos de convivência e por todo o carinho e preocupação.

Ao meu orientador, Mauro, por toda a paciência, dedicação e respeito por este trabalho. Agradeço por ter confiado em mim quando mais precisei.

À Universidade Federal de Santa Catarina, por essa grande oportunidade que recebi de ter uma formação gratuita e de qualidade.

SUMÁRIO

1 RESUMO.....	11
2 APRESENTAÇÃO.....	12
3 JUSTIFICATIVA.....	18
3.1 DO TEMA.....	18
3.2 DA MÍDIA.....	20
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	21
4.1 PRÉ APURAÇÃO.....	21
4.2 APURAÇÃO.....	23
4.3 REDAÇÃO.....	26
4.4 ILUSTRAÇÕES E DIAGRAMAÇÃO.....	27
4.5 EDIÇÃO E REVISÃO.....	28
5 CUSTOS.....	29
6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....	29
7 REFERÊNCIAS.....	32
8 BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	33

1 RESUMO

A gravidez na adolescência é frequentemente tratada como tabu e problema social a ser combatido. A pauta tem grande presença na mídia, mas, na maioria das vezes, é abordada de forma estereotipada e preconceituosa, ignorando a perspectiva das principais envolvidas: as próprias adolescentes. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma reportagem impressa para revista que discute a influência do contexto socioeconômico e cultural em casos de gravidez na adolescência com base na história de seis jovens de regiões periféricas dos municípios de Florianópolis e São José. Por meio dos relatos das fontes, o tema da maternidade precoce é problematizado e relacionado a questões como violência estrutural e desigualdade de gêneros. Assim, a reportagem busca uma visão humanizada e crítica sobre a gravidez na adolescência.

Palavras-chave: adolescência; gravidez; família; mulheres; narrativa; reportagem.

2 APRESENTAÇÃO

A gravidez na adolescência¹ é frequentemente tratada como tabu e problema social a ser combatido. A pauta tem grande presença na mídia, mas, na maioria das vezes, é abordada de forma estereotipada, e ignora a perspectiva das principais envolvidas: as próprias adolescentes. Os debates acerca do assunto também são marcados por grande preconceito, uma vez que muitas das informações difundidas são assentadas em mitos e percepções do senso comum, e não em fatos e análises criteriosas.

Na última década houve uma progressiva redução do número de mães adolescentes em nosso país. De acordo com o relatório *Saúde Brasil 2011*, elaborado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2012, p. 18), entre 2000 e 2010 o percentual de mulheres que tinham menos de vinte anos no momento do parto caiu de 23,5% para 19,3%, enquanto o de mulheres com 30 anos ou mais passou de 22,5% para 27,9%. Entretanto, os números ainda são considerados expressivos por instituições como o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), organismo da Organização das Nações Unidas (ONU) que em 2013 lançou seu relatório anual *Situação da População Mundial* com o tema *Maternidade Precoce: Enfrentando o Desafio da Gravidez na Adolescência*. Entre outros dados, o documento destacou que, em 2010, 12% das jovens brasileiras de 15 a 19 anos de idade tinham pelo menos um filho e que cerca de 20% das crianças nascidas vivas no país eram filhas de meninas de 19 anos ou menos.

O relatório ainda mostra que a maioria dos partos de adolescentes no mundo, cerca de 95%, ocorre em países em desenvolvimento. Mais de 20 mil jovens com menos de 18 anos de idade dão a luz diariamente nesses países, o que representa um total de 7,3 milhões de novas mães menores de idade por ano. Dois milhões delas engravidaram antes dos 15 anos. De acordo com o documento, “nas diferentes regiões do mundo, meninas pobres, com baixa escolaridade e residentes em áreas rurais têm maior probabilidade de engravidar do que suas contrapartes ricas, mais urbanas e com mais escolaridade” (UNFPA, 2013, p.2).

Esse caráter social da gravidez na adolescência é um dos aspectos que mais chama atenção no fenômeno, o colocando como motivo de preocupação de governo e sociedade. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)² de 2007, 44,2% das meninas de 15 a 19 anos com filhos pertenciam à faixa de renda média familiar de até meio salário mínimo per capita, que, na época, concentrava somente 26,7% das adolescentes nesta

¹ A Organização Mundial de Saúde (OMS) define como adolescência a faixa etária entre os 10 e os 19 anos de idade. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por sua vez, delimita o período dos 12 aos 18 anos. Este trabalho usou como base a definição da OMS.

² O levantamento foi realizado por Fontoura e Pinheiro (2009, p. 153 e 154).

faixa de idade. Isso significa que quase 18% das adolescentes do estrato de renda mais baixo eram mães. Enquanto isso, no estrato de renda acima de cinco salários mínimos, a proporção não chegava a 1%.

Entre as razões que podem explicar tal fenômeno está o acesso à informação, aos métodos contraceptivos, aos serviços de saúde e até mesmo ao aborto, mas estas razões também se relacionam às representações distintas, entre as diferentes classes sociais, tanto da gravidez e da maternidade quanto da adolescência e da juventude. (FONTOURA; PINHEIRO, 2009, p. 154)

Tão importante quanto o viés social da gravidez na adolescência é a sua relação com as questões de gênero. Por conta de determinados ideais de papéis de gênero³ cristalizados em nossa sociedade, muitas meninas agregam grande importância simbólica à maternidade, considerando-a como principal, quando não único, projeto de vida. Quando se trata de meninas pobres, o prestígio vinculado a ideia de se tornar mãe ganha força ainda maior, devido às dificuldades de acesso a outros caminhos que acarretariam reconhecimento social, como formação acadêmica e carreira profissional. As relações de poder mediadas pelo gênero também influenciam o não uso de métodos contraceptivos. Diversas pesquisas etnográficas⁴ realizadas ao longo dos últimos anos apontaram que, para grande parte dos homens sexualmente ativos, os cuidados com a prevenção de doenças e gravidez deveriam ser responsabilidade da mulher. Contraditoriamente, muitos desses homens consideraram inadequada uma possível postura da parceira de exigir o uso do preservativo.

A dinâmica das relações de gênero impõe às moças o recato em relação ao sexo, enquanto que, para os rapazes, é esperado que não haja muito pudor ou embaraço em relação ao tema. Isso resulta no elevado valor atribuído à virgindade, para as moças, e à experiência sexual, para os rapazes. Tal descompasso de expectativas nem sempre corresponde às vivências individuais, mas dificulta o diálogo aberto sobre sexo e o compartilhamento de estratégias para que o início da vida sexual não traga surpresas desagradáveis. (VILELLA; DORETO, 2006, p. 2470)

Ao problematizar a questão da gravidez na adolescência é importante destacar que, foi somente nas últimas décadas que o fenômeno passou a figurar, principalmente entre os povos ocidentais, como status de “problema social” a ser combatido. De acordo com Aquino (2002, p.17), a gravidez na adolescência diz respeito a uma faixa etária que durante muito tempo foi

³ De acordo com Grossi (1998, p. 6), “papel é aqui entendido no sentido que se usa no teatro, ou seja, uma representação de um personagem. Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra”.

⁴ Ver AQUINO, Estela M. L., et al. (2002); CUNHA, Isabel Cristina K. O. et al. (2007, p. 282); FONTOURA, Natália de O.; PINHEIRO, Luana S. (2009, p. 157); e (VILELLA; DORETO, 2006, p. 2470).

considerada ideal para a mulher ter filhos. A autora questiona o que faz com que o mesmo evento seja atualmente classificado como “precoce” e relaciona essa mudança de perspectiva a dois fatores principais: (1) com uma redução expressiva das taxas de fecundidade no final da década de 90 (entre 1965 e 1995 a média de filhos por mulher reduziu de seis para pouco mais que dois), o “fato de a fecundidade adolescente ir na direção inversa da transição demográfica gera o aumento de sua visibilidade e a torna intrigante”; (2) uma redefinição das expectativas sociais depositadas nas adolescentes, atrelada a conquistas recentes como possibilidade de escolarização, inserção profissional e liberdade no exercício da sexualidade, que deixou de ser vinculada exclusivamente à reprodução.

Como mostrado anteriormente, nos últimos anos as taxas de fecundidade entre adolescentes voltaram a diminuir, o que não justifica mais a ideia de que elas estão “indo na contramão” em relação às demais faixas etárias. Quanto às novas possibilidades oferecidas às adolescentes e, como consequência, as novas cobranças e expectativas, é imprescindível apontar para as enormes diferenças sociais que existem em nosso país. Espera-se que as jovens dediquem esse momento da vida aos estudos e ao investimento em seu futuro profissional, o que levaria a um adiamento da maternidade. Entretanto, a adolescência não é um momento vivenciado da mesma maneira por todas, e as oportunidades estão diretamente atreladas à classe social a que cada menina pertence.

Nesse panorama, a gravidez na adolescência desponta como um desperdício de oportunidades, uma subordinação – precoce – a um papel do qual, durante tanto anos, as mulheres tentaram se desvencilhar. Essa argumentação subestima o fato de esse leque de oportunidades sociais não ser igualmente oferecido para jovens de diferentes classes e, além disso, supõe como universal o valor ou o projeto de um novo papel feminino. (AQUINO et al, 2002, p.18)

Mas esses não são os únicos motivos apontados por especialistas para o rechaço à gravidez precoce. Historicamente, a representação da gravidez na adolescência na sociedade foi sendo construída por discursos especializados, como o biomédico e o psicológico, e sempre vinculada ao conceito de “risco”. Aquino (2002, p.18) explica que, enquanto para o discurso biomédico a ênfase era dada aos “perigos advindos de uma gravidez precoce para a saúde materno-infantil”, o psicológico ressaltava os “riscos psicossociais, condensados na categoria de imaturidade psicológica das adolescentes”. Outra perspectiva, surgida a partir dos anos 80, disserta sobre as consequências do fenômeno no contexto social, e relaciona a gravidez na adolescência a um cenário de agravamento da pobreza, aumento da delinquência e da criminalidade.

O abandono escolar por parte das mães adolescentes e sua decorrente inserção precária no mercado de trabalho são também invocados para caucionar a tese de que, se a GA não instaura uma situação de marginalidade social e econômica, ela certamente a agrava. São esses discursos que informam a percepção da gravidez na adolescência no senso comum e na mídia. (AQUINO et al, 2002, p.19)

Não há um consenso quanto ao impacto da gravidez na vida dos jovens. Vilella e Doreto (2006, p. 2470) assinalam que, de acordo com a UNESCO, “meninas escolarizadas acreditam que a gravidez nessa fase leva a jovem a abandonar a escola, pelo preconceito que ali sofre e pela necessidade de cuidar do bebê, que atrapalha o estudo”, entretanto, as próprias pesquisadoras refutam essa idéia ao confrontá-la com dados de diversos especialistas. Elas destacam que 42,1% das meninas que se tornaram mães já estavam fora da escola, 25% interromperam os estudos, mas depois retomaram, e apenas 17,3% pararam de estudar definitivamente. Também ressaltam que quase 80% das jovens que engravidaram antes dos 20 anos já estavam em um relacionamento estável.

Um dos maiores problemas dessas abordagens que relacionam a gravidez na adolescência somente com o conceito de risco é o fato de que, além de ajudarem a reforçar uma percepção limitada e preconceituosa dessa realidade, não levam em consideração os principais atores envolvidos no processo. Apesar da grande mobilização em torno do tema, a sociedade geralmente ignora os motivos que levam as jovens a engravidar, bem como a percepção que elas mesmas têm da sua própria gravidez.

Há um grande questionamento sobre suas causas [da gravidez], seus riscos; suas consequências, vivências e possível problemática. Muitos que consideram-na como problema por ser precoce, indesejada e transgressora, sem ao menos saberem o que pensam, sonham e planejam as adolescentes. (CUNHA, 2007, p. 284)

Sobre o não julgamento das escolhas dos jovens, Fontoura e Pinheiro defendem que:

Diante das contradições existentes e da profusão de preconceitos e estereótipos que surgem quando o tema da gravidez na adolescência é tratado, é preciso, portanto, encarar a questão do ponto de vista das opções apresentadas aos jovens e de suas escolhas. Se, de certa forma, a escolha de uma jovem em ser mãe não pode ser de antemão criticada, de outra, é fundamental que alternativas sejam apresentadas a esta jovem ao longo de sua vida de modo que a maternidade não represente a única forma de autoafirmação e construção da identidade. Assim, o fato de a maior parte dos jovens que se tornam pais ter abandonado os estudos parece evidenciar um contexto em que não há perspectiva de continuidade da qualificação visando a melhores inserções profissionais, não há mais vínculos com a escola, isto é, um contexto no qual as opções de construção de uma carreira ou de um caminho para o reconhecimento social pela via profissional são bastante reduzidas. (FONTOURA; PINHEIRO, 2009, p. 156)

Quando se trata de intervenção, as políticas públicas sociais e/ou de saúde voltadas para essa área acabam adotando esse mesmo tipo de abordagem, sempre com foco na prevenção do “problema” e não na compreensão do fenômeno, postura criticada por Monteiro:

[...] ela seria um modo bastante pretensioso de tentar dar conta da mudança comportamental, uma vez que está calcada na perspectiva de que o interventor sabe – e deve dizer para outro – o que é o melhor, na expectativa que o outro mude a sua forma de pensar e agir. O verdadeiro desafio, entretanto, diz a pesquisadora, é o de tentar compreender o comportamento: como ele é gerado e o que o alimenta. A partir desse entendimento, é necessário propor alternativas em diferentes focos, buscando canais de comunicação e diálogo para auxiliar os jovens no enfrentamento das problemáticas que põem em risco suas vidas e qualidades de vida (MONTEIRO, apud BRITO, 2002, p.47).

Entre pesquisadores que defendem uma abordagem mais progressista sobre o tema, como Cunha, Monteiro e Brito, é comum o apontamento da necessidade de compreender o fenômeno gravidez na adolescência a partir de uma perspectiva mais ampla, que ultrapasse os conceitos de risco, perigo, erro e acidente. Uma perspectiva que não trate os adolescentes como pessoas incapazes de discernir sobre o próprio futuro e que, por isso, necessitam de intervenção. Para compreender a gravidez na adolescência, é necessário conhecer de perto os jovens que protagonizam esses casos e, acima de tudo, considerar a interferência de fatores sociais, culturais, políticos e econômicos em suas vidas, bem como mudar a postura que culpabiliza somente a jovem pelo acontecimento, ignorando todas as questões de gênero existentes em nossa sociedade.

A desconstrução de preconceitos e estereótipos em torno da gravidez na adolescência significa pensar as relações de gênero em um contexto mais amplo de reflexão sobre a vivência da sexualidade na juventude. Contudo, isto deve ocorrer a partir de uma perspectiva renovada, que substitua o olhar moralizante, culpabilizador e amedrontador sobre os jovens pela valorização de seus direitos; entre eles, os direitos sexuais e os direitos reprodutivos. (FONTOURA; PINHEIRO, 2009, p. 158)

Levando em conta os aspectos destacados a respeito desta complexa temática, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – uma grande reportagem impressa – discute a influência do contexto socioeconômico e cultural em casos de gravidez na adolescência. Por meio de uma grande reportagem em texto, que tem como base a história de seis jovens de regiões periféricas dos municípios de Florianópolis e São José, a questão da maternidade precoce é problematizada e relacionada a questões como violência estrutural e desigualdade de gêneros.

3 JUSTIFICATIVA

3.1 DO TEMA

Considerando o contexto apresentado, é iminente a necessidade de ampliar e desestigmatizar a discussão sobre o fenômeno da gravidez na adolescência em nossa sociedade. Infelizmente, assim como os discursos especializados citados anteriormente, a mídia tem ajudado a reproduzir ideias hegemônicas, sem contribuir em nada para um debate plural e crítico.

Em 2013, com o lançamento do já referido relatório da UNFPA sobre maternidade precoce, grande parte dos portais de notícias eletrônicos que consultei (Estadão, BBC Brasil, IG, Uol) ressaltaram em suas manchetes o “prejuízo” causado pelo fenômeno no país e no mundo: o relatório revelou um estudo do Banco Mundial que “mostra os custos de oportunidade associados à gravidez na adolescência e evasão escolar”⁵. O texto afirma que o Brasil teria um aumento de produtividade equivalente a mais de US\$ 3,5 bilhões (R\$ 7 bilhões, a época) se as adolescentes tivessem adiado a sua gravidez até seus vinte anos ou mais. O dado é real e relevante, porém, considero que, ao optar por dar destaque justamente a esse trecho específico do relatório, esses portais de notícias contribuem para reforçar a imagem carregada de preconceitos que o tema possui em nossa sociedade.

Em grande parte das matérias, especialistas foram consultados para falar sobre os riscos – tanto no sentido biomédico quanto no social – da gravidez precoce para a mãe e a criança. Entre algumas análises superficiais realizadas pelos veículos, não encontrei nenhuma que buscou entender o motivo de os números permanecerem altos no Brasil, onde, ao contrário de outras regiões destacadas no relatório, como países da África e do Oriente Médio, por exemplo, não domina uma cultura de casamentos precoces forçados. Além disso, chama a atenção o fato de que, em um universo de mais de dez matérias consultadas, somente duas deram voz a jovens que estavam passando ou que haviam passado pela experiência. A primeira foi publicada no site da EBC no dia 2 de novembro de 2013, com o título: *Gravidez na adolescência prejudica futuro da mãe e da criança, diz professor da UnB*. Mesmo dando espaço para o relato de duas jovens ao longo da matéria, a opção, novamente, foi destacar a opinião do especialista. A segunda foi veiculada na imprensa local. No dia 10 de novembro de 2013, o jornal *Notícias do Dia*, de Florianópolis, abordou o tema com a matéria intitulada *Educação é a chave para prevenir a gravidez na adolescência*. O texto, além de destacar os

⁵ FUNDO de População das Nações Unidas (2013, p. 26).

dados da pesquisa, elencou iniciativas locais com foco na educação que poderiam ajudar a diminuir o “problema”.

De acordo com o relatório *A mídia dos jovens* (ANDI, 2007), que acompanhou, entre os anos de 1997 e 2006, os conteúdos veiculados por suplementos de jornais e revistas direcionados a adolescentes e jovens, questões como gravidez e AIDS aparecem em menos de 1% do material, e são as menos abordadas pelas matérias desse tipo de suplemento. Já o tema da sexualidade, no sentido mais amplo, está um pouco mais inserido (cerca de 20%), mas geralmente é abordado dentro do conceito de prevenção, através de “dicas” e “conselhos”. Dessa forma, a gravidez na adolescência é associada quase que estritamente a uma ausência de planejamento (falta de informação, ignorância dos métodos contraceptivos, etc.).

Assumindo essa postura, a mídia e o discurso hegemônico adotado pelo senso comum ignoram aspectos fundamentais do fenômeno: como os motivos que levam as jovens a engravidar e a influência do meio em que vivem nessa “escolha”. Em uma pesquisa realizada por enfermeiros e médicos sanitários em uma região do Ceará, foram ouvidas 216 adolescentes grávidas entre outubro e dezembro de 2002. Entre os motivos apontados pelas jovens como causa da gravidez, destacou-se em 44,9% delas o desejo de ser mãe, e sua percepção em relação à gravidez estava relacionada com felicidade e realização pessoal (CUNHA, 2007).

Destaca-se que o motivo do engravidar para a maior parte foi de querer ter um filho, contrariando, aos muitos autores, que relatam ser a gravidez na adolescência “precoce” ou “indesejada”. Cabe-nos perguntar, se a vontade intensa de “ter um filho” é oriunda da necessidade de auto-realização como mulher, ou um sistema de fuga da realidade vivenciada, derivada da desestruturação familiar, de ambientes hostis, devido à falta de respeito, de perspectiva de vida e de futuro, ou em detrimento da violência domiciliar, seja de âmbito psicológico, físico ou mesmo sexual. (CUNHA, 2007, p. 284)

Quando a mídia desconsidera todas essa diversidade de situações, ocultando-as sob o rótulo homogeneizador de gravidez na adolescência, ela contribui para a manutenção da conjuntura de exclusão e invisibilidade social dessas populações.

Um dos aspectos fundamentais da profissão de jornalista é justamente o comprometimento com a defesa de grupos vulneráveis, e uma das maneiras mais efetivas de se fazer isso é dar voz a eles e às suas demandas. Segundo Cremilda Medina (1982, p.22), o jornalista investido do papel social deve, entre outras coisas, “estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, extratos culturais e faixas até mesmo etárias”. Além disso, fornecer acesso à informação crítica e plural é uma forma de

empoderar a população, o que pode reduzir suas vulnerabilidades e incentivar transformações sociais:

Uma pessoa pode tornar-se menos vulnerável se for capaz de reinterpretar criticamente mensagens sociais que a colocam em situações de desvantagem ou desproteção, mas a sua vulnerabilidade pode aumentar se a mesma não tem oportunidades de ressignificar as mensagens emitidas no seu entorno. (VILELLA; DORETO, 2006).

Adelmo Genro Filho defende que “o jornalismo moderno possui não só um potencial crítico e revolucionário na luta contra o imperialismo e o capitalismo, mas um ‘potencial desalienador’ insubstituível para a construção de uma sociedade sem classes” (GENRO FILHO, 1987).

Foi com o objetivo de contribuir para a desconstrução do discurso hegemônico e de dar voz a grupos comumente marginalizados e silenciados que optei tratar deste tema. Meu interesse pessoal em assuntos com esse viés é anterior a este trabalho, inclusive fez parte de minhas motivações para o ingresso no curso do jornalismo. Durante os quatro anos e meio de graduação, somaram-se às reflexões sobre questões de classe os estudos de gênero, o que acabou culminando na escolha dessa temática para encerrar a graduação.

3.2 DA MÍDIA

A grande reportagem é definida por Kotscho (1989) como uma “matéria mais extensa, que procura explorar um assunto em profundidade, cercando todos os seus ângulos”. Apesar de também existirem as grandes reportagens em vídeo, o termo é mais utilizado para se referir à mídia impressa. Essa forma de fazer jornalismo está diretamente relacionada à literatura e suas técnicas narrativas. Sodré e Ferrari (1986) defendem que a narrativa jornalística difere da narrativa ficcional por ser regida pela realidade factual do dia-a-dia, e não do imaginário:

Narrativa é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado. [...] O romance, o conto, às vezes mesmo o poema constituem formas diferentes de narrativa. Mas a narrativa não é privilégio da arte ficcional. Quando o jornal diário noticia um fato qualquer, como um atropelamento, já traz aí, em germe, uma narrativa. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11)

Assim como Eliane Brum, “eu acredito na reportagem como documento da história contemporânea, como vida contada, como testemunho” (BRUM, Eliane, 2013). Em uma

profissão fundamentada em boas histórias, a forma de contá-las é tão importante quanto o que se conta. Por se tratar de uma pauta que valoriza a perspectiva das fontes, a força deste trabalho está justamente nas histórias destas pessoas, que escolhi compartilhar por meio de uma grande reportagem impressa.

O formato aproxima o leitor e as protagonistas das vivências ali narradas, e permite uma humanização do relato. Devido a essa característica, a reportagem é tratada por Sodré e Ferrari (1986) como um “gênero privilegiado”.

Ela [a reportagem] se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 9)

Outros aspectos também conduziram a essa decisão, tomada durante a elaboração do projeto de TCC. O primeiro foi o fato de que muitas das fontes entrevistadas são menores de idade, o que faria com que uma reportagem em vídeo, por exemplo, esbarrasse em diversas dificuldades éticas e legais. Além disso, em experiências anteriores ao longo dos quatro anos e meio de faculdade, pude constatar que a presença de uma câmera geralmente intimida e acua as fontes, o que poderia prejudicar o processo de apuração. Para a produção da reportagem, sempre tive a intenção de ouvir as pessoas de maneira mais intimista, então rechacei qualquer possível obstáculo a esse tipo de contato.

A escolha também pode ser justificada por preferências pessoais: o gênero da reportagem narrativa é o que mais me desperta interesse, e foi ao qual eu mais me dediquei durante a graduação. Antes mesmo de decidir o tema de meu trabalho final, já tinha certeza que gostaria de trabalhá-lo em forma de reportagem.

O formato escolhido para a publicação desta grande reportagem foi o de revista impressa. Esse formato permite a experimentação de formas mais ousadas de diagramação e edição, e a possibilidade de aliar o texto a outros elementos gráficos, como ilustrações. Além disso, permite trabalhar o texto de forma mais solta e menos direta do que nas publicações diárias, por exemplo.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 PRÉ-APURAÇÃO

O processo de pré-apuração iniciou no segundo semestre de 2014, durante a disciplina *Técnicas de Projetos em Comunicação*. Foi quando tive meu primeiro contato com essa abordagem específica sobre o tema da gravidez na adolescência, durante uma palestra que assisti para a produção de uma matéria para o estágio. Até aquele momento, possuía outro tema praticamente definido para o TCC, porém não estava segura. Quando tive minha atenção chamada para esse assunto, fiz uma breve pesquisa em busca de estudos e publicações com abordagens semelhantes, e levei a sugestão para a aula. Em conversa com os colegas e com a professora responsável pela disciplina, Gislene Silva, decidi pelo presente tema.

Com o tema definido, iniciei um amplo trabalho de pesquisa. Logo nas primeiras leituras, ficou claro que o assunto envolve inúmeras correntes de pensamento divergentes, bem como dados contraditórios. Isso me levou a uma tentativa de aprofundamento excessivo nas pesquisas etnográficas e revisões teóricas sobre o assunto, o que me frustrou durante a etapa de produção do projeto: ficou claro que não seria possível tamanho aprofundamento teórico, como desejado.

Foram consultados cerca de trinta artigos e pesquisas de profissionais da área da saúde pública. Muitas eram realizadas com meninas que vivenciavam a experiência da maternidade precoce, em diversas regiões do país. Nem todas as leituras foram referenciadas no projeto, mas me ajudaram a compreender melhor o tema e a definir que tipo de abordagem iria realizar.

Em paralelo com a pesquisa teórica, comecei a busca por fontes. Fiz um levantamento dos contatos de e-mail e telefone de possíveis fontes especialistas e de pessoas que poderiam me conduzir às adolescentes. Meu primeiro contato foi com a palestrante que me despertou o interesse pelo tema, a mestre em educação Yalin Brizola Yared. Ela estava fazendo doutorado em Portugal, onde permanece até julho deste ano, por isso conversamos somente por e-mail. Yalin me indicou alguns materiais de leitura e o contato de duas fontes da área da psicologia.

Ainda durante o processo de pré-apuração, em outubro do ano passado, conheci a agente comunitária de saúde Mirta, que atua em uma comunidade carente de São José. Meu contato com ela foi por acaso – durante a produção de uma matéria para meu estágio – mas foi fundamental. A agente de saúde foi um dos pontos de partida para a apuração da reportagem. Por intermédio dela conheci três das seis meninas entrevistadas.

Durante essa etapa de preparação, decidi que a apuração seria feita nas cidades de Florianópolis e São José, em Santa Catarina. Optei por restringi-la à região onde vivo, principalmente por motivos pessoais, como a dificuldade em conseguir recursos financeiros e a falta de tempo livre para viajar. Como a gravidez na adolescência é realidade em todo o

país, e como na região escolhida há comunidades com o perfil desejado para retratar essa realidade, resolvi abordar a temática com a perspectiva local.

4.2 APURAÇÃO

A pesquisa documental, que havia iniciado no segundo semestre de 2014, prolongou-se durante os dois primeiros meses de 2015, em paralelo com a busca de fontes. Na metade do mês de fevereiro iniciei o trabalho de apuração.

Comecei os contatos, por e-mail, com as fontes indicadas por Yalin. Somente uma delas me respondeu, a psicóloga Marivete Gesser, e marcamos de conversar pessoalmente no final de fevereiro. Nessa primeira entrevista foram abordados alguns temas importantes, que contribuíram para a problematização acerca do conceito de juventude, o trabalho das políticas públicas e os julgamentos feitos em relação à maternidade precoce.

Usando a lista de possíveis fontes produzida durante a pré-apuração, dei continuidade aos contatos por e-mail para agendamento de entrevistas. Geralmente esperava cerca de três dias pela resposta da fonte. Caso não a obtivesse, tentava o contato telefônico (quando o possuía) ou pessoalmente (quando se tratava de alguém de Florianópolis).

Entre as fontes do meio acadêmico, entrei em contato com mais de 30 pessoas, mas consegui entrevistas somente com dez. Muitas disseram não trabalhar mais com o tema e/ou não dispor de tempo para a entrevista. Por outro lado, praticamente todas as fontes que disseram que não poderiam me conceder entrevista indicaram outros contatos, foi dessa forma que pude chegar às especialistas que foram consultadas para a reportagem. Das dez entrevistas realizadas, sete foram feitas pessoalmente, com o uso do gravador, duas por e-mail, e uma por skype. Por fim, essa quantidade foi suficiente, considerando que a reportagem foca nas histórias de vida das meninas e tem nas especialistas somente um complemento. Na redação do texto final usei falas de somente cinco das fontes acadêmicas consultadas.

Uma das entrevistas que infelizmente não foi possível realizar, foi com a professora e teórica feminista Miriam Pilar Grossi. Já havia lido bastante sobre ela no período de pré-apuração, e praticamente todas as pessoas com quem conversei durante a busca por fontes a indicaram. Entre os meses de março e maio tentei contatá-la inúmeras vezes – por e-mail, telefone celular e pessoalmente, no Núcleo de Pesquisa onde trabalha –, porém não obtive nenhuma resposta.

Também entrei em contato com a Coordenação Geral de Saúde das Mulheres do Ministério da Saúde, para obter alguns dados estatísticos atuais, considerando que grande

parte do material que eu possuía havia sido elaborado no início dos anos 2000. Recebi a indicação de utilizar o portal do Departamento de Informática do SUS, o DATASUS⁶ que reúne, entre outras informações, estatísticas vitais da população, como os números de natalidade e mortalidade. As informações mais recentes eram do ano de 2013, o que tornou possível trazer uma perspectiva bem atualizada quanto aos números.

Enquanto buscava as entrevistas com especialistas, retomei o contato com Mirta, a agente comunitária. Ela se dispôs a me ajudar marcando as entrevistas com as meninas e me acompanhando nos encontros, porque, de acordo com ela, não seria seguro eu ficar andando sozinha pela comunidade. Através de conversas por celular e facebook, marcamos nossa primeira visita para o dia 10 de março. Para aquele dia, Mirta havia combinado com duas meninas de sua comunidade, o Loteamento Morar Bem, em São José. Luana e Andreia⁷ me receberam prontamente em suas respectivas casas, e entrevistei cada uma delas por cerca de 40 minutos, com o uso do gravador. A conversa com Luana rendeu bastante, e conheci também sua mãe e irmã, que estavam em casa no momento da entrevista. Trocamos contatos e eu fiquei de ligá-la para marcarmos um segundo encontro, onde conheceria também duas de suas amigas que engravidaram aos 16 anos.

A entrevista com Andreia, por sua vez, não fluiu muito. A jovem de 16 anos era muito tímida, respondia grande parte das perguntas com monossílabos e parecia preocupada em olhar a filha recém-nascida que dormia em um colchão ao nosso lado. Porém a conversa foi fundamental: através dela, soube da existência de um grupo de gestantes da comunidade, que costumava receber algumas mães adolescentes. Os encontros do grupo aconteciam todas as quintas feiras pela manhã, na sede da Legião da Boa Vontade (LBV), uma organização filantrópica que ajuda famílias de baixa renda.

Na semana seguinte, quando cheguei à sede da LBV do Bairro Serraria, acompanhada por Mirta, fui apresentada à assistente social Michelle Silvy, responsável pelo grupo de gestantes e por todas as outras atividades ali realizadas. Ela me convidou para assistir a palestra daquele dia, sobre cuidados com a amamentação. Ao final da palestra, fiz uma pequena entrevista com Michelle, que me contou sobre suas experiências anteriores com gestantes adolescentes. Depois conversei coletivamente com as gestantes, explicando sobre o meu trabalho e questionando se ali havia alguma adolescente com interesse em conversar comigo. Três meninas se ofereceram, e marcamos para dali a quinze dias, pois na semana seguinte seria feriado municipal.

⁶ O acesso ao Datasus pode ser feito pelo site: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php>

⁷ Os nomes das adolescentes foram alterados para preservar sua identidade

No dia 26 de março voltei à sede da LBV, dessa vez com a companhia de Mirta. Das três meninas com quem eu havia marcado, somente duas compareceram ao encontro, e apenas uma delas, Fernanda,⁸ continuava disposta a falar. Solta, a jovem de 16 anos compartilhou suas experiências pessoais e opiniões sobre alguns aspectos relacionados à gravidez na adolescência. Naquele dia entrevistei Andressa que, apesar de não ser mais adolescente, tinha passado por sua primeira gestação aos 16 anos.

Enquanto buscava novas fontes, esbarrei em algumas burocracias da Secretaria Municipal de Saúde, conforme explicarei a seguir. Em uma das idas ao local, conheci Julia. Ao tomar conhecimento do tema de minha reportagem, a recepcionista se ofereceu prontamente para participar: aos vinte anos de idade, ela já tinha passado por duas gestações. Marcamos a primeira conversa para a semana seguinte, na própria Secretaria de Saúde. Conversamos por cerca de vinte minutos, com algumas interrupções, pois ela estava em horário de trabalho. Após quase um mês – foi difícil conseguir um horário em que as duas estivessem disponíveis – nos encontramos de novo e pude acompanhar um pouco de sua rotina, passando uma manhã de sábado em sua casa, no Ribeirão da Ilha.

Como a ideia inicial era contar cinco histórias, após conhecer Julia eu só precisaria encontrar mais uma menina. Foi quando conheci Renata, em um grupo de gestantes que descobri por acaso, realizado na Paróquia da Trindade. Conversamos pela primeira vez ali mesmo, na saída do encontro. Naquele mesmo dia já conheci seu marido. Anotei o seu contato e ficamos de marcar uma nova entrevista. Uma semana depois, em uma noite de sexta, fui até a casa de sua mãe, na comunidade da Serrinha. Durante cerca de três horas de conversa gravada, tive a oportunidade de aprofundar a história de Renata, conhecer melhor suas origens, através dos relatos de sua mãe, e também ouvir a história de sua irmã, Alice, que há dois anos havia passado por uma experiência de gravidez precoce.

Além dessas sete meninas – Luana, Andreia, Fernanda, Andressa, Julia, Renata e Alice – cheguei a marcar entrevistas com outras três, indicadas por amigos em comum e pelo grupo de gestantes da Paróquia, mas em todos os casos as entrevistas foram desmarcadas de última hora. Também realizei busca de fontes contatando líderes comunitários e ONGs de comunidades como Monte Cristo e Morro da Caixa, mas não obtive retorno. Dessa forma, encerrei o processo de apuração com essas sete histórias, selecionando seis para integrarem a reportagem.

⁸ Os nomes das adolescentes foram alterados para preservar sua identidade

Conforme previsto no projeto, todas as entrevistas foram realizadas com gravador. Nenhuma das fontes se opôs, nem mostrou desconforto em gravar as conversas. Algumas, inclusive, afirmaram que não se importariam em terem seus nomes divulgados. Durante o período de apuração consultei meu orientador sobre isso, e decidimos que seria melhor não expô-las. Consideramos que alterar os nomes não representaria prejuízo para o trabalho final, partindo do pressuposto que o importante ali seriam as histórias, e não as identidades das fontes. Como a intenção era fazer pelo menos mais uma entrevista com cada fonte, não fiz entrevistas muito longas nos primeiros encontros, reservando esses momentos para conhecer as meninas, e fazer com que se sentissem à vontade para falar comigo. Infelizmente não consegui retomar o contato com algumas delas, como explicarei abaixo, e sinto que não foi possível abordar todos os assuntos previstos em algumas das entrevistas.

Após o término do período de apuração, dediquei duas semanas e meia na transcrição das gravações restantes – quatro delas já estavam prontas. Durante esse período, aproveitei para esboçar algumas possibilidades de estrutura da reportagem, bem como escrever alguns trechos descritivos sobre as personagens para serem usados depois.

4.3 REDAÇÃO

Comecei a trabalhar de fato na redação do texto somente após o final das entrevistas e transcrições de áudios apesar de, como dito anteriormente, ter realizado alguns esboços durante esse período.

Ainda durante o período de apuração, houve uma espécie de mudança na angulação da reportagem, em relação ao que havia sido proposto no projeto. Inicialmente a ideia era somente mostrar a gravidez na adolescência como uma escolha das meninas frente às dificuldades e violências sofridas cotidianamente. Mas, durante a apuração, percebi que essa escolha se manifestava de diversas maneiras, muito distintas. Algumas das meninas entrevistadas sequer haviam planejado a gravidez. Em compensação, todas as histórias deixavam claro como o contexto em que viviam foi importante para esse acontecimento. A mudança se deu, de fato, quando decidir usar também as histórias daquelas que não haviam planejado a gravidez (antes só iria falar sobre as que haviam planejado). Em conversa com meu orientador, ele destacou a importância de deixar o peso da reportagem nas histórias, dar força a elas e voz às meninas. Isso sempre foi minha intenção, mas estava se perdendo com essa ideia fixa de "comprovar" um fenômeno.

Comecei o processo de produção do texto organizando todo o material que tinha das entrevistas. Organizei as falas dos entrevistados em blocos por assuntos, para depois intercalar essas falas e construir uma narrativa única. Como a reportagem foi conduzida pelos depoimentos das jovens, cada novo tema abordado teve como ponto de partida as trajetórias das mesmas, para depois serem problematizadas com dados e opiniões de especialistas. Procurei usar alguns elementos literários, como descrições de ambiente e fluxos de pensamento, mas tive um pouco de dificuldade de encaixá-los no texto.

Podemos dividir a reportagem em seis blocos temáticos. O texto começa com uma abertura, que apresenta muito brevemente as meninas que terão suas histórias contadas e faz um panorama geral da questão da gravidez na adolescência em nosso país. Em seguida, no segundo bloco, cada uma das meninas é apresentada com um pouco mais de profundidade, em parágrafos que abordam o que elas sentiram e viveram quando descobriram sobre a gravidez. Uso a última fonte apresentada, Alice, para fazer a transição para o terceiro bloco, que trata da imagem negativa da gravidez da adolescência na sociedade. Nesse momento também é problematizado o fato de existirem distintas maneiras de vivenciar o período da juventude.

O quarto bloco tem como tema principal as relações das adolescentes com suas famílias. Dentro desse espectro, são abordados os motivos que levam as jovens a saírem cedo de casa e a repetição do fenômeno da gravidez na adolescência ao longo das gerações. O quinto bloco trata das trajetórias escolares e profissionais de cada uma delas, e sobre os planos para o futuro. O sexto e último bloco tem como tema o papel das políticas públicas e a necessidade de trabalhar intervenções que respeitem a autonomia e os desejos das adolescentes.

O texto da reportagem fechou em cerca de 42 mil toques, quantidade aproximada à que havia sido estimada no projeto.

4.4 ILUSTRAÇÕES E DIAGRAMAÇÃO

Como dito anteriormente, escolhi o formato de revista impressa para inserir minha reportagem devido a possibilidade desse formato permitir experimentação de formas mais ousadas de diagramação e edição, e a possibilidade de aliar o texto a outros elementos gráficos, como grandes fotos e ilustrações.

A ideia inicial seria trabalhar com fotos e, caso a identificação das fontes não fosse autorizada pelas mesmas e/ou pelos responsáveis, as imagens poderiam ser feitas em plano detalhe, contra a luz ou com efeitos de edição, para não mostrar o rosto das fontes. A produção de ilustrações figurava como segunda opção. Entretanto, pelos já relatados

problemas para contatar as fontes, não tive a possibilidade de produzir as fotos de algumas das meninas, pois não levei câmera para as primeiras entrevistas. Além disso, devido aos temas delicados abordados nas conversas, meu orientador e eu decidimos que seria melhor não expô-las.

No meio do processo de apuração, decidi que ilustrar a reportagem seria o melhor caminho, pelos fatores expostos acima e também pela beleza e leveza estética desse tipo de trabalho artístico.

Para a tarefa, entrei em contato com uma amiga de longa data, Jéssica Sborz, que é designer e desenhista. Reunimos-nos pessoalmente uma vez, quando expliquei a proposta do trabalho e decidimos que tipos de ilustrações poderiam ser feitas. A ideia inicial era trabalhar com desenhos que representassem as meninas e também alguns trechos da narrativa, mas no fim das contas ficamos somente com as imagens das meninas.

Durante o processo de produção dos desenhos, seguimos em contato por e-mail. Enviei a ela pequenos perfis das fontes, juntamente com fotos postadas por elas em redes sociais.

A designer também foi responsável pela elaboração do projeto gráfico do trabalho. Ela produziu a capa e o plano de fundo das páginas – texturizadas e coloridas com efeito aquarelado – no programa Adobe Illustrator. A diagramação, por sua vez, foi feita por mim no programa Adobe Indesign CS6. As fontes utilizadas no texto, capitulares e “olhos” seguiram o padrão definido no projeto gráfico. Para o título da reportagem, na capa, foram usadas as fontes *Inky Normal* e *Dolce Vita Light*. Nas capitulares e olhos-detalhes, a fonte escolhida foi *Dolce Vita Regular*. O corpo do texto está em *Myriad Pro Regular* tamanho 12 e espaçamento 14,4.

4.5 EDIÇÃO E REVISÃO

Durante o processo de escrita da reportagem fui enviando o material produzido em partes para o orientador, que rapidamente retornava com algumas sugestões de mudanças. Com o texto pronto e revisado pela última vez, dei início ao processo de diagramação. Para que a reportagem se adaptasse a pré-diagramação, estabelecida em 16 páginas, foram necessárias algumas alterações finais no texto.

Após a conclusão da diagramação e da edição, imprimi uma versão rascunho do encarte, para uma última revisão, no intuito de evitar erros de digitação, hifenização e ortografia. Somente após essa revisão é que o encarte foi impresso para os membros da banca.

5 CUSTOS

Seguem os principais gastos na realização deste trabalho, totalmente custeado com recursos pessoais:

ÍTEM	VALOR
Passagens de transporte coletivo para deslocamento em Florianópolis e São José	R\$ 58,00
Ligações telefônicas para busca de fontes e agendamento de entrevistas	R\$ 42,00
Cópias de livros e textos	R\$ 35,00
Impressão do produto final	R\$ 103,50
TOTAL	R\$ 238,50

6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

A principal dificuldade, sem dúvidas, foi manter o contato com as adolescentes entrevistadas. A intenção era realizar no mínimo duas entrevistas com cada uma, mas somente em três casos isso foi possível, pois as demais fontes deixaram de atender o telefone e responder mensagens. Duas delas, Fernanda e Andressa, não possuíam telefone próprio, dependendo do contato de terceiros para recado, o que dificultou ainda mais a situação. Após a primeira entrevista, não consegui retomar o contato com nenhuma das duas. Tentei contatá-las voltando ao grupo de gestantes do qual participavam, mas elas haviam parado de frequentá-lo.

Cheguei a marcar duas novas entrevistas com Luana, mas ambas foram desmarcadas na última hora. Após a segunda entrevista desmarcada, no final de abril, ela não respondeu mais aos meus recados e estava com o telefone desligado em todas as tentativas que fiz. Pedi à agente comunitária que nos apresentou para tentar contatá-la, mas ela não conseguiu encontrá-la em casa.

Após conseguir as três primeiras histórias, surgiu a dificuldade para localizar novas fontes. Durante a pré-apuração havia mapeado as regiões da cidade com os maiores índices de

gravidez na adolescência, e pensei em começar a busca por esses bairros. Entrei em contato com alguns líderes comunitários e voluntários em ONGs dessas regiões, que se disponibilizaram a localizar algumas meninas e me indicar, mas não obtive retorno. Também busquei os Centros de Referência em Assistência Social (CRAS). Os coordenadores de CRAS com quem eu conversei me disseram que não trabalhavam muito com essas situações, e que seria mais fácil conseguir contatos na área da saúde, mais precisamente na Atenção Básica.

Liguei para três dos coordenadores dos postos de saúde das regiões mapeadas, e todos me disseram que, antes de me passarem qualquer informação, eu precisaria ter uma autorização do Conselho de Ética da Secretaria Municipal de Saúde. Após passar uma semana tentando contato por telefone, consegui uma brecha na agenda e fui até a secretaria municipal. Ali descobri que o processo de autorização seria extremamente burocrático, e que levaria certo tempo até eu ter uma resposta. Percebi que, caso quisesse contar com o apoio institucional para conseguir novas fontes, precisaria ter dado início ao processo no ano passado, ainda durante o período de pré-apuração. No fim das contas, consegui as demais fontes que precisava por outras vias, mas ficou o aprendizado para reportagens futuras.

Também tive dificuldades em gerenciar meu tempo para a realização das atividades relacionadas ao TCC. Como fazia estágio por 20 horas semanais e mais duas disciplinas de 72 H/A, os horários disponíveis para marcar entrevistas ficaram um pouco restritos. Era preciso organizar bem a agenda e negociar trocas de horário no estágio, principalmente no caso dos encontros com as adolescentes. Como algumas moravam em regiões mais afastadas, e com poucos horários de ônibus, as entrevistas exigiram um deslocamento maior, ocupando, na maioria das vezes, mais de um período inteiro por dia. Isso fez com que as primeiras entrevistas fossem concluídas em um prazo posterior ao previsto no projeto.

Considerando todos esses imprevistos, aprendi sobre a importância de um bom planejamento para a produção de reportagens de fôlego. Esse é realmente o gênero nobre, ou, filé mignon do jornalismo como muitos dizem. É difícil, mas compensador conciliar com as tarefas diárias.

Escrever o texto também foi um desafio à parte. Quando comecei o processo de redação, uma das maiores dificuldades foi encontrar um caminho para a reportagem. Eu tinha em mãos seis histórias que, apesar de suas similaridades, eram muito distintas entre si, e não estava conseguindo pensar em uma estrutura que as unisse de forma satisfatória. Organizar os blocos de acordo com os assuntos ajudou, mas ainda sim foi complicado fazer a narrativa fluir. Levei muito tempo para conseguir começar a escrever de fato, pois a cada tentativa de parágrafo apagava e começava tudo de novo, não satisfeita com o resultado. Como já havia

perdido bastante tempo na transcrição das entrevistas, essa dificuldade de “engatar” um bom ritmo de redação levou a um significativo atraso no cronograma. Creio que, nesse caso, o maior aprendizado veio da necessidade de lidar com o perfeccionismo e a insegurança.

Ainda durante o processo de produção, tive sempre uma grande preocupação na maneira de lidar com o tema, que, em sua essência, se apresentava como um dilema: considerando que a intenção da reportagem seria mostrar as influências do meio nas escolhas das meninas, deveria tomar cuidado para não desqualificar essas escolhas e a capacidade de julgamento delas. Cuidar para não tirar a autonomia e o protagonismo dessas jovens ao apontar suas trajetórias apenas como meras escolhas compulsórias. Durante o semestre cursei a disciplina Antropologia Social I, na qual me matriculei justamente pensando em seu diálogo com o meu trabalho. A disciplina ajudou muito em minha reflexão, seja através dos textos trabalhados, ou dos debates realizados em sala. Todo o tempo, quando se falava do ofício do etnólogo, eu pude traçar um paralelo com meu trabalho como repórter, pois, no fim das contas, ambas as atividades são uma forma de trabalhar no campo, transitar entre realidades distintas e realizar um diálogo entre as mesmas. Muitos dos dilemas apresentados em textos de diversos antropólogos ajudaram a refletir acerca dos meus próprios dilemas. Busquei, assim, realizar um trabalho o mais sensível e respeitoso possível. Sempre focada no cuidado em mostrar uma realidade diferente sem julgar, em problematizar a vivência de pessoas em situação de vulnerabilidade, retratando-as forma digna. Esse é um grande desafio que certamente permanecerá durante toda a profissão, com o qual me orgulho de ter lidado nesse trabalho.

7 REFERÊNCIAS

AQUINO, Estela M. L., et al. **Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência**. In: Horizontes Antropológicos, v. 8, nº 17, p. 13-45. Porto Alegre: Scielo, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 22 de maio de 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. **Saúde Brasil 2011: uma análise da situação de saúde e a vigilância da saúde da mulher**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2011.pdf Acesso em: 2 de junho de 2015.

BRITO, Ivo, et al. **Rumo à adultez: oportunidades e barreiras para a saúde sexual dos jovens brasileiros**. In: Caderno CEDES, Campinas, v. 22, nº57, agosto 2002, p. 45-61. Campinas: Scielo, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000200004 Acesso em: 7 de outubro de 2014.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. São Paulo: Editora Globo, 2013.

CUNHA, Isabel Cristina K. O. et al. **Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes**. In: Revista Brasil Enfermagem, v. 60, nº 3, jun. 2007, p. 279-285. Brasília: Scielo, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672007000300006&lng=en&nrm=iso Acesso em: 10 de outubro de 2014.

FONTOURA, Natália de O.; PINHEIRO, Luana S. **Síndrome de Juno: Gravidez, Juventude e Políticas Públicas**. In: Juventude e políticas sociais no Brasil. Brasília: Ipea, 2009. Disponível em: http://www.redligare.org/IMG/pdf/juventude_politicas_sociais_brasil.pdf Acesso em: 17 de maio de 2015.

FUNDO de População das Nações Unidas (UNFPA). Situação da população mundial 2013. **Maternidade precoce: enfrentando o desafio da gravidez na adolescência**. Disponível em http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unfpa/swp_2013.pdf Acesso em: 2 de novembro de 2014.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo**. 1987. Disponível em <http://www.adelmo.com.br/index1.htm>. Acesso em: 17 de maio de 2015.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Florianópolis: 1998. Disponível em: http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935/identidade_genero_revisado.pdf Acesso em: 7 de outubro de 2014.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MAGRI, Keli. Educação é a chave para prevenir gravidez na adolescência. **Notícias do Dia**, Florianópolis, 10 nov. 2013. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/118053-de-repente-maes-ou-adolescencia-interrompida.html>> Acesso em: 8 de novembro de 2014.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

Rede ANDI. **A mídia dos jovens**. São Paulo: Agência de Notícias dos Direitos da Infância, 2007. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/infancia-e-juventude/publicacao/relatorio-a-midia-dos-jovens>> Acesso em: 20 de outubro de 2014.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

TOKARNIA, Mariana. Gravidez na adolescência prejudica futuro da mãe e da criança, diz professor da UnB. **EBC Brasil**, Brasília, 2 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/11/gravidez-na-adolescencia-prejudica-futuro-da-mae-e-da-crianca-diz-professor>> Acesso em: 15 de outubro de 2014.

TOKARNIA, Mariana. A cada dia, 20 mil jovens com menos de 18 anos dão à luz em países em desenvolvimento. **EBC Brasil**, Brasília, 2 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/11/a-cada-dia-20-mil-jovens-com-menos-de-18-anos-dao-a-luz-em-paises-em>> Acesso em: 15 de outubro de 2014.

VILLELA, Wilza Vieira; DORETO, Daniella Tech. **Sobre a experiência sexual dos jovens**. In: Cadernos de Saúde Pública, vol. 22, n. 11, p. 2467-2472. Rio de Janeiro: Scielo, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006001100021&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 17 de maio de 2015

8 BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALMEIDA, José Miguel Ramos. **Adolescência e maternidade**. 2ª edição; Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2003.

AQUINO, Estela M. L, et al (Org.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

BARBIERI, Márcia et al. **Gravidez na adolescência em unidades de saúde pública no Brasil: revisão integrativa da literatura**. In: Revista Adolescência e Saúde, v. 7, nº 4, p. 60-67, out/dez 2010. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. Disponível em:

<<http://www.adolescenciaesaude.com/detalheartigo.asp?id=247>> Acesso em: 15 de setembro de 2014.

BARROS, Marina Carvalho Moraes et al. **Gravidez na adolescência:** perfil sócio-demográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil. In: Cadernos de Saúde Pública, v. 23, nº 1, jan. 2007. Rio de Janeiro: Scielo, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000100019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 6 de outubro de 2014.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa:** um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

GUANABENS, Marcella Furst Gonçalves et al. **Gravidez na adolescência:** um desafio à promoção da saúde integral do adolescente. In: Revista Brasileira de Educação Médica, v. 36, nº 1, supl. 2, mar 2012. Rio de Janeiro: ABEM, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000300004&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 15 de setembro de 2014.

JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **A apuração da notícia:** Métodos de investigação na imprensa. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia.** Florianópolis: UFSC - Insular, 2001.

LOBO, Tiago. **Sobre o papel social do jornalismo.** Observatório da Imprensa, 743 edição, 23 de abril de 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed743_sobre_o_papel_social_do_jornalismo> Acesso em: 30 de outubro de 2013.

MENINAS. Produção e direção: Sandra Werneck. 2005. Documentário, 71 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KaVDBiZ-bdM>. Acesso em 21 de março de 2015.

PANTOJA, Ana Lúcia Nauar. **"Ser alguém na vida":** uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. In: Cadernos de Saúde Pública, v. 19, supl. 2, 2003. , Rio de Janeiro: Scielo, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2003000800015&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 1 de novembro de 2014

TAQUETTE, Stella R. **Sobre a gravidez na adolescência.** In: Revista Adolescência e Saúde, vol. 5, nº 2, Abr/Jun 2008, p. 23-26. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=56> Acesso em 15 de setembro de 2014.

VALLE, Luciana. Cenário sócio-cultural pode influenciar gravidez na adolescência, avalia médica. **EBC**, Rio de Janeiro, 15 de abril de 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2015/04/cenario-socio-cultural-pode-influenciar-gravidez-na-adolescencia-avalia>> Acesso em: 26 de abril de 2015.

